

Reflexões a partir do VI EnCult

Línguas minorizadas, cultura e tradução

Línguas minorizadas, cultura e tradução

Maria Alice G. Antunes (UFPB)

O eixo temático *Línguas minorizadas, cultura e tradução* pretendeu destacar o papel da tradução “nas diferentes situações de contato entre minorias linguísticas e a língua majoritária” (Pavan, 2020). Buscávamos estimular discussões a respeito da contribuição de traduções e tradutores para a história cultural, social e política de grupos minorizados; do papel da tradução no processo de revitalização, preservação e projeção da língua minorizada e no desenvolvimento de atitudes linguísticas positivas, em especial; do papel da tradução englobando seus efeitos pós-tradutórios, possíveis retraduições e traduções invisíveis e também da análise de traduções de um mesmo texto em épocas diferentes nos processos de revitalização, preservação e projeção de uma língua minorizada.

Para além de línguas minorizadas em contextos internacionais — já que o tema *tradução* normalmente atrai línguas outras, estrangeiras —, nossa expectativa era de que as línguas minorizadas dentro das fronteiras de nosso país, o Brasil, também fossem tratadas. Afinal, somos um país que, apesar de considerar apenas uma única língua oficial, a língua portuguesa, tem um histórico de eliminação dura e penosa das línguas indígenas. Entretanto, em 2012, Andrés Salanova e Patience Epps descreviam a Amazônia como uma região, do ponto de vista linguístico, “de uma riqueza praticamente infinita [...] onde encontram-se aproximadamente 300 línguas indígenas, que pertencem a mais de 50 unidades genéticas diferentes, constituídas de famílias linguísticas e de línguas isoladas” (Epps e Salanova, 2012, p. 8). Parece-nos que não é possível ignorar 300 línguas indígenas distintas minorizadas e que são um tema para discussão que ainda pode ser esmiuçado na área dos Estudos da Tradução. E, de fato, as línguas indígenas foram objeto de debate durante os dias de apresentação do Eixo Temático *Línguas minorizadas, cultura e tradução*.

Não delimitamos, contudo, o Brasil como fonte única de discussão acerca das línguas minorizadas. Não determinamos ainda métodos específicos para pesquisas ou análises. Ainda assim, as propostas se revelaram interessantes e abriram outras perspectivas para o debate que se realizou.

Trabalhos de natureza distinta foram submetidos ao Eixo Temático *Línguas minorizadas, cultura e tradução*. Em diálogo com a proposta do Eixo, surgiram temas outros e trabalhos que discutiam línguas minorizadas. Entretanto, nem todos trataram de línguas reconhecidamente minorizadas. Trataram, por outro lado, da literatura LGBT em francês e suas traduções para o português, uma literatura minorizada escrita de uma língua vista como central em tradução. A

Reflexões a partir do VI EnCult

Línguas minorizadas, cultura e tradução

menorização parece-nos dupla, já que “tais traduções têm sua origem por meio do infiltramento temático em traduções de clássicos literários franceses” (v. Cultura e Tradução v. 7 n. 1, Resumos do VI Encontro Nacional Cultura e Tradução (EnCult) 2024, Dennys Silva-Reis). Ou seja, as traduções não têm um autor-tradutor, por assim dizer. A pesquisa apresentada trouxe um levantamento amplo das traduções literárias LGBTs em língua francesa quanto ao seu histórico e à sua existência no Brasil.

Outras propostas extrapolaram nossas expectativas na medida em que trouxeram perspectivas produtivas sobre debates contemporâneos como a autotradução. Além da discussão sobre o tema, o trabalho que tratou da autotradução do romance *Wer pa Lawino/Song of Lawino* de Okot p'Bitek trouxe para o Eixo Temático *Línguas minorizadas, cultura e tradução* o debate a respeito da retradução do romance autotraduzido para a língua (minorizada) do povo Acholi de Uganda e das consequências que tal processo representa para a língua (v. Cultura e Tradução v. 7 n. 1, Resumos do VI Encontro Nacional Cultura e Tradução (EnCult) 2024, Jefferson Costa).

Foi significativo observar que a literatura representou o foco das preocupações dos pesquisadores interessados no tema proposto pelo Eixo. Uma coleção de contos dos povos siberianos, a literatura LGBT em francês e suas traduções no Brasil, o romance ugandense escrito em acholi e traduzido para o inglês pelo próprio autor, a literatura galega contemporânea, as escolhas da tradutora do conto “for whom the things never change” da escritora de Gana, Ama Ata Aidoo. Pode-se pensar em vários motivos para o foco na literatura e, entre eles, cito o que Denise Regina de Sales menciona em seu resumo. Sales apresenta o que se observa a respeito da relação entre tradução e o movimento dos povos originários em defesa de suas línguas e culturas: “escritores de várias etnias têm se dedicado a publicar obras que resgatam as tradições de seus povos e revisitam fatos e períodos históricos” (v. Cultura e Tradução v. 7 n. 1, Resumos do VI Encontro Nacional Cultura e Tradução (EnCult) 2024, Denise Sales). E ainda, “esse fenômeno de escrita que desenha a memória, o tempo e a história por meio da partilha de saberes e sentimentos” (Idem). Em resumo, a literatura é vista como um instrumento valioso no combate pela sobrevivência da própria língua e cultura.

As línguas indígenas também foram temas de conversa: o primeiro trabalho apresentado tratou do impacto social que as traduções do Tupi trazem para o povo Potiguara. A apresentação foi feita por uma integrante do povo Potiguara, que mostrou como a “revitalização da língua Tupi Potiguara é essencial para fortalecer o resgate linguístico do povo Potiguara” (v. Cultura e Tradução v. 7 n. 1, Resumos do VI Encontro Nacional Cultura e Tradução (EnCult) 2024, Sueny Almeida). A segunda proposta tratou da criação de um dicionário para 5 (cinco) idiomas da língua Xukuru do Ororubá com palavras usadas na comunidade e como a criação cumpre a função no cumprimento da Lei 11.645 de março de 2008 e que através do Parecer 14/2015

Reflexões a partir do VI EnCult

Línguas minorizadas, cultura e tradução

torna obrigatório o ensino o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e indígena nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, nas redes pública e privada (v. Cultura e Tradução v. 7 n. 1, Resumos do VI Encontro Nacional Cultura e Tradução (EnCult) 2024. Aurenice Lima).

Podemos dizer que, do ponto de vista do público presente às apresentações, duas apresentações destacaram-se, em especial: as escolhas da tradutora do conto “for whom the things never change” e as duas apresentações cujo tema foram as línguas e os povos indígenas.

A tradutora do conto da autora Ama Ata Aidoo foi a responsável pela apresentação do trabalho. Impregnadas de sua própria história de vida, suas escolhas podiam ser claramente explicadas e justificadas tanto por sua subjetividade quanto pelas teorias que balizavam suas opções. A subjetividade das opções, em especial, gerou muitas perguntas do público presente (v. Cultura e Tradução v. 7 n. 1, Resumos do VI Encontro Nacional Cultura e Tradução (EnCult) 2024. Raphaella Oliveira).

As questões relativas às línguas e à cultura indígena foram acentuadas pela presença de dois integrantes indígenas, do povo Potiguara, protagonistas da apresentação de seu trabalho no Eixo Temático *Línguas minorizadas, cultura e tradução*. Uma história ainda pouco conhecida teve a chance de ser divulgada e contrastada à história dos Xukuru do Ororubá, uma língua extinta que não possui uma estrutura gramatical, mas apenas vocábulos que compõem o dicionário que descrevemos brevemente acima.

Esperamos que, no futuro, as *Línguas minorizadas, cultura e tradução* tornem-se temas mais recorrentes na área dos Estudos da Tradução, já que as situações de contato entre minorias linguísticas e línguas majoritárias são cada vez mais frequentes, assim como os deslocamentos de pessoas e populações na superfície terrestre, de forma espontânea ou forçada.

Referências

BRASIL. Lei n. 11.645, de 11 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm Acesso em 05 dez. 2024.

BRASIL. Parecer CNE/CEB n. 14/2015. Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação.



Reflexões a partir do VI EnCult

Línguas minorizadas, cultura e tradução

SALANOVA, Andrés Pablo; EPPS, Patience. A linguística amazônica hoje. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, Campinas, SP, v. 12, n. 1, p. 7–37, 2012. DOI: 10.20396/liames.v0i12.1481. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/1481>. Acesso em: 05 dez. 2024.